

Objeto de estudo de vários antropólogos, o totemismo é reconhecido por alguns como um conjunto de fenômenos associado às sociedades primitivas. Em contraposição a essas interpretações, Lévi-Strauss aponta um novo significado para este fenômeno questionando a validade do conceito, ou seja, a existência de sociedades totêmicas.

Esta resenha objetiva avaliar a análise feita por Lévi-Strauss sobre o totemismo. Com referência na obra *Totemismo Hoje* do autor, pretende-se verificar quais os fundamentos utilizados pelo mesmo para desconstruir o conceito em questão. Além disso, será analisado, de certa forma, o valor explicativo de sua proposta.

Logo na introdução da obra, percebe-se que a idéia de que o totemismo como mera ilusão não é peculiar ao pensamento levi-straussiano. Em contraste com as idéias de Frazer que tentava fundamentar o totemismo como sistema e explicar sua origem, autores como Goldenweiser, Lowie, Kroeber e Boas desacreditavam na realidade do fenômeno em questão.

Boas, por exemplo, afirma que “escreveu-se demais sobre o totemismo... e acabou-se deixando-o completamente fora de discussão... Mas as maneiras pelas quais se manifestam são tão diversas em cada parte do mundo, as semelhanças são tão superficiais, e os fenômenos podem aparecer em tantos contextos sem relação alguma com a consangüinidade real ou suposta que é absolutamente impossível enquadrá-los numa única categoria.” ( Boas apud. Lévi-Strauss, p.99)

Ao citar diversos conceitos de vários autores a respeito do totemismo, Lévi-Strauss demonstra que não existe um consenso em relação ao mesmo. Isso ocorre porque as características relacionadas ao sistema muitas vezes estão presentes somente em determinados lugares.

A ilusão totêmica consiste em acreditar que um conjunto de fatores não universais formam um sistema genérico. O exemplo da 24ª Divisão ou Divisão Arco-Íris presente no estudo de Linton evidencia esse problema. Segundo o último, uma divisão do exército, por reunir unidades provenientes de diversos Estados, recebeu o nome de Divisão Arco-Íris. Com o tempo, o arco-íris transformou-se em um símbolo para os membros dessa organização. Admitia-se até mesmo que o aparecimento desse fenômeno natural era sinal de bom presságio.

Percebe-se que há similaridade entre alguns fatores presentes no exemplo e características do totemismo. No entanto, Linton deixa patente que muitos antropólogos não hesitariam de associar intuitivamente a Divisão com o complexo totêmico, caso se tratasse de uma sociedade não civilizada.

O exemplo anterior também remete a uma questão interessante discutida por Lévi-Strauss. Além de desintegrar o conceito de totemismo, o autor critica a ligação entre totemismo e sociedades primitivas feita por muitos antropólogos.

Para o autor, a análise do totemismo é análoga a de uma doença conhecida como histeria. Essa doença até determinada época foi considerada de origem somática, isto é natural ou biológica. A histeria nada tinha a ver com a ordem social ou com a cultura. O mesmo ocorreu com o totemismo.

É possível inferir que a relação entre totemismo e sociedades arcaicas se dá devido a uma confusão do primitivo, à incapacidade deste de classificar coerentemente a própria realidade. Para os autores que fazem essa associação é como se estivesse presente na natureza do primitivo uma forma peculiar de ver o mundo e de classificá-lo.

Essa maneira de ver a histeria e o totemismo como anomalias serve respectivamente para deixar a ordem social intocável e estabelecer uma supremacia do civilizado em relação ao primitivo.

Se por um lado totemismo enquanto uma totalidade não existiu e muito menos esteve ligado às sociedades primitivas, por outro pode se perceber que um dos fenômenos que o caracterizavam é universal, isto é, independe do espaço (região do planeta) e do tempo (sociedades primitivas ou civilizadas). Tal fenômeno é a associação entre um grupo (clã) e um símbolo que pode ser uma espécie animal ou vegetal.

Uma das preocupações de Lévi-Strauss é entender essa associação. Para ele, não há uma lógica utilitária ou mágica que explique porquê animais e vegetais tão distintos sejam utilizados como símbolos de grupos.

A fim de demonstrar a explicação para este problema o autor descreve várias soluções propostas por outros antropólogos que se assemelham a sua resposta, mas não tocam o cerne da questão.

A resposta para a conexão entre grupos e símbolos que mais se assemelha a de Lévi-Strauss encontra-se em um estudo de Radcliffe-Brown. Em um exemplo do método

comparativo, este se depara com a constatação de que pássaros semelhantes são utilizados para simbolizar metades de sociedades dualistas.

Através da análise dos mitos nessas sociedades, Radcliffe-Brown percebe que “as semelhanças e as diferenças entre as espécies animais são traduzidas em termos de amizade e conflito, de solidariedade e oposição. Em outras palavras, o universo da vida animal é representado sob a forma de relações sociais como as que prevalecem na sociedade dos homens” (Radcliffe-Brown apud. Lévi-Strauss p. 164).

Para Lévi- Strauss, a lógica estrutural está presente na interpretação de Radcliffe-Brown embora este não seja um estruturalista. Isso ocorre porque esta maneira de pensar é a única capaz de explicar o problema em questão.

Mesmo fazendo algumas ressalvas em relação ao pensamento de Radcliffe-Brown, Lévi-Strauss mostra-se surpreendido com análise do mesmo. Para o último, a escolha dos animais ou vegetais, enquanto símbolos, ocorre porque eles apresentam relação de complementaridade e oposição. Esta reflete o traço universal do pensamento humano.

Os termos opostos presentes no totemismo, dessa forma, não passam de códigos particulares que possuem a mesma forma de outras oposições e correlações cotidianas da vida civilizada. Elas representam a maneira pela qual o espírito humano apreende a realidade (forma relacional).

Destaca-se que, ao relacionar organização da realidade com a forma de pensamento humano, Lévi-Strauss refuta de certa forma a pesquisa de campo. Isso pode ser comprovado com o entusiasmo que o autor apresenta em relação às idéias de Rosseau.

Mesmo sem ter conhecido as sociedades totêmicas, Rosseau “vê na apreensão que o homem tem da estrutura “específica” do mundo animal e vegetal a fonte das primeiras operações lógicas, e subsequente, a de uma diferenciação social que só pode ser vivida por ter sido concebida.” (Lévi-Strauss p. 174)

A solução para o problema do totemismo, de acordo com Lévi-Strauss não é exterior ao homem, mas pode ser encontrada no interior do mesmo, na sua gênese estrutural.

O embate que o autor tem com Durkheim concentra-se principalmente nessa questão. Durkheim, como um sociólogo, aponta que as formas de classificar o mundo

surgem de uma efervescência social. Para ele a razão humana não é simplesmente inata ou empírica, mas construída socialmente.

Contrapor Lévi-Strauss a Durkheim é uma tarefa extremamente audaciosa não pertinente com este trabalho. Afirmar que a lógica provém do humano ou do social, simplesmente parece ser uma palavra contra a outra. No entanto, no que se refere ao totemismo, a sua desintegração, Lévi-Strauss apresentou melhores argumentos e mostrou-se mais convincente.

Embora esta resenha se baseie somente em partes (introdução e capítulos IV e V) do livro *Totemismo Hoje*, acredita-se que é possível perceber alguns traços importantes do mesmo

*Totemismo Hoje* sintetiza boa parte do pensamento de Lévi-Strauss. Nesta obra, nota-se o tributo a Rosseau como fundador da etnografia. Verifica-se o esforço do antropólogo em demonstrar a analogia entre estrutura da realidade e do pensamento humano.

Se por um lado Lévi-Strauss inicia sua jornada a fim de comprovar essa relação com o estudo do parentesco e não tem o sucesso esperado o mesmo não parece não ocorrer com a análise do totemismo. Embora o estudo dos mitos também tenha seus méritos.

A obra em análise é mais clara e permite ao leitor não afinado com a Antropologia entender melhor a discussão proposta. É evidente que a desconstrução do totemismo aparece para esse leitor como um dogma, uma vez que depende de verificação empírica. Entretanto, não é apenas Lévi-Strauss que a aponta, mas um conjunto de antropólogos renomados, o que dá credibilidade ao afirmado.

É interessante que o autor uniu dois fenômenos (associações presentes no totemismo e associações que os homens fazem de maneira geral) que só transparecem obviamente similares depois da leitura de sua obra. É justo afirmar que não se trata de um insight completo deste, pois diversos outros autores chegaram próximo de sua tese, o que serve para validá-la.

Um aspecto sutil da obra de Lévi-Strauss é a maneira como este se posiciona diante do método estruturalista. Percebe-se que é não preciso seguir tal método para pensar de forma estrutural ou levi-straussiana. Isso se deu com Radcliffe-Brown, com Rosseau e pode ocorrer com todos os humanos.

Esse aspecto confirma o modo como Lévi-strauss pensa a realidade. A antropologia do autor é introspectiva, voltada para as faculdades cognitivas e inconscientes humanas. Alguns autores criticam seu ponto de vista, todavia este não deixa de ser mais uma via pela qual pode-se compreender o real.

## **Bibliografia**

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Totemismo Hoje* ( Introdução e cap. 4 e 5). Partes contidas na obra *Os Pensadores*.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

# Trabalho final de Antropologia

Resenha da obra *Totemismo Hoje*  
de Lévi-Strauss

**Disciplina:** Antropologia III  
**Professora:** Ana Lúcia  
**Aluna:** Ana Clotilde

Belo Horizonte, junho de 2005